

Lacan com Winnicott

Resenha | GRAÑA, Roberto. **Lacan com Winnicott** – espelhamentos e subjetivação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 170 páginas.

Laura Ward da Rosa
Membro Titular da SBPdePA.

Em seu último livro, intitulado “*Lacan com Winnicott: espelhamentos e subjetivação*”, Roberto Graña correlaciona os aspectos teóricos do estágio do espelho e as interfaces da psicanálise com a literatura e o cinema, justamente se baseando naqueles dois autores pós-freudianos que mais se ocuparam da importância do tema para a constituição do sujeito. O trabalho consta de seis capítulos nos quais o autor desenvolve com clareza suas ideias, percorrendo os passos de cada um dos autores com bastante precisão.

Tanto Winnicott como Lacan partem do interesse pelos momentos iniciais da vida, cada um referenciado em seu mundo de ação. É diferente entender o inconsciente desde a observação *in loco* da relação mãe-bebê, nas consultas terapêuticas e no seu trabalho como pediatra, como fez Winnicott, cotejado com o trabalho com psicóticos nos plantões da urgência psiquiátrica do hospital Saint’Anne, como aconteceu com Lacan. Destaque-se que Lacan sempre enfatizará a importância do ‘lugar’ do psicanalista – mais do que do espaço. É, portanto, muito interessante que ambos, por caminhos diversos, cheguem ao mesmo ponto de partida: a importância do espelho na constituição subjetiva.

O trabalho de Lacan apresentado no congresso de Marienbad, cujo original de 1936 foi perdido, teve a sua segunda versão, intitulada “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, apresentada no congresso de Zurique de 1949. Seu tema era a importância do espelho. Winnicott inspirou-se nele para criar o seu: “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento da criança”, de 1967.

Essa feliz confluência, no entanto, apresenta divergências significativas, dignas de uma reflexão mais demorada. Assim, nem os espelhos são os mesmos nem a época de sua aparição coincidem. Lacan descreve o estágio do espelho a partir do sexto mês de vida pós-natal, portanto ao final da fase de autoerotismo e no início do narcisismo, da identificação primária, segundo Freud. Já para Winnicott, como seu espelho é o olho da mãe, está, a partir do nascimento, portanto muito



mais precoce, atuando desde o eu real primitivo – estágio pré-psíquico no qual há puras quantidades não qualificadas e exigências pulsionais. A função fundamental desse eu inicial é a de orientar-se em relação ao mundo, devendo diferenciar o dentro do fora. A qualificação anímica origina-se nas trocas empáticas com a mãe, que, ao satisfazer as demandas de autoconservação, também instala as vivências do afeto que originam a consciência e irão construindo o corpo erógeno.

Quanto ao espelho real de Lacan, já contamos com um eu mais evoluído, chamado por Freud de *eu do prazer purificado*, após a unificação das zonas erógenas, que funciona como percepção e marcas de memória, passível de unificação frente à imagem projetada do corpo, integrando e superando a vivência do corpo fragmentado. Vê-se, assim, como são complementares e importantes para o processo de subjetivação, conforme descreve Graña nos dois capítulos iniciais de seu livro, embora não percorra os caminhos iniciais de Freud sobre a constituição do eu, importante campo de pesquisa atual, tendo em vista a psicopatologia contemporânea dos fenômenos clínicos com déficit simbólico, chamados de “acontecimentos no corpo” por Lacan, nos quais justamente faltaram o espelho e a subjetivação.

A categoria sujeito, em psicanálise, foi criada por Lacan para designar a constituição, por meio do Outro, da presença real do “tesouro dos significantes”. Outro esse que autoriza, como matriz simbólica, o Aha-Erlebnis, a expressão de júbilo do bebê frente à sua própria imagem refletida no espelho, construindo o primeiro estágio do eu-MOI especular. A presença desse Outro, portador do significante, introduzirá o *infans*, pela linguagem, no percurso desde o eixo imaginário ao eixo simbólico, conforme o esquema L de Lacan, instalando o sujeito barrado, \$, atravessado pela castração simbólica, constituindo o eu -JE, portador da falta, do limite, enfim, dono de seu próprio desejo, sujeito do inconsciente e dotado de capacidade de simbolização.

Vemos também que, a partir do estágio do espelho, Lacan estabelece algo inédito em Freud e de grande valor para a clínica que consiste na criação dos dois patamares da outreidade: o pequeno outro especular, do eixo a-a', e o grande Outro (A), do significante. Daí ser Lacan o introdutor dos termos sujeito, subjetivação, intersubjetividade e da teoria dos vínculos, desde seu trabalho inicial, de 1938, sobre os “Complexos familiares na formação do indivíduo”, no qual considera que os complexos funcionam como organizadores do desenvolvimento psíquico. Admite a imagem como elemento fundamental dos complexos do desmame e da intrusão, voltando a abordar o estágio do espelho e a estrutura especular em relação à fase narcísica do eu.

No capítulo 3, intitulado “Tempo e trauma em o espelho”, de Jafar Panahi: breve crônica de uma morte invisível”, o autor descreve a bela obra do diretor iraniano no qual uma menina de sete anos aguarda a mãe em sua saída da escola e suas angustiantes tentativas de ir procurá-la sem sucesso. A descrição das cenas, marcadas pelo tempo, serve de base para o estudo de sincronias, dessincronias e traumatização na obra de Winnicott.

No capítulo 4, encontramos “Figurações do espelho em literatura e psicanálise: Machado, Rosa, Winnicott, Lacan”, em que aparecem os dois magníficos contos “O espelho”, de Machado de Assis e de Guimarães Rosa. Ambos os autores intuíram a importância do tema para a subjetividade. As duas joias da literatura brasileira são bem descritas e tornam-se excepcionalmente estimulantes à luz da leitura psicanalítica.

No diálogo Lacan-Winnicott, encontramos ao longo dos diversos capítulos, desde diferentes ângulos e abordagens, o sempre interessante tema do objeto. Em Winnicott, originário da escola britânica das relações objetais, esse tema ganha merecido relevo pela criação do objeto transicional, invenção que ampliou o estudo do desenvolvimento da relação mãe-bebê, do potencial criativo do ser humano, instalando o terceiro espaço e a importância da zona de ilusão, do uso do objeto. Já em Lacan não há relações objetais, mas relações intersubjetivas. Com o estádio do espelho começa a desenvolver-se o registro do imaginário que evoluirá para os outros dois registros: o do simbólico e o do real. Ao longo de sua obra, reformula muitos conceitos iniciais, de modo a considerarmos dois tempos teóricos, chamados “primeiro Lacan” – já citado, incluindo sua tese de doutoramento sobre a paranoia, conhecida como caso Aimée, até o Seminário 6: O desejo e sua interpretação (1958-1959).

A partir daí começa a emergir o “segundo Lacan”, no qual se produzirá uma profunda mudança em seu ensino com a descoberta do que ele considerará sua contribuição mais importante: o **objeto a**. É no Seminário 10: A angústia, em que se dá a grande virada de sua concepção de desejo, da intencionalidade à causalidade, isto é, não mais um desejo que se dirige ao objeto, mas um desejo causado, determinado pelo objeto. A partir daí há dois estatutos para o objeto: o objeto-meta e o objeto causa do desejo. O objeto-meta passa a pertencer ao registro do imaginário, porque é do campo da ilusão, representa o que não é. Porém, o **objeto a** – causa do desejo –, resiste à significação, é aquele que move a vida. Lacan o define como *“aquilo que falta, é não especular, não apreensível na imagem”*, (p.278). Portanto, o **objeto a** é distinto do *objeto pequeno a*, do estádio do espelho, o que sempre é causa de muitos mal entendidos. O sujeito lacaniano, a partir daí, emerge da confluência dos três registros, dos aspectos reais, simbólicos e imagi-



nários, tendo como elemento central de articulação o **objeto a**, causa do desejo. Na análise, é o psicanalista que ocupa esse lugar, faz-se objeto-causa do desejo.

No capítulo 5, o mais original de todos, temos: “Winnicott – Lacan: esboço de análise crítico – semiológica de um brevíssimo intercâmbio epistolar”. Nele, Graña nos aproxima dos encontros, das cartas, das mágoas e gentilezas escritas de ambas as partes dos dois amigos, separados não só pelo Canal da Mancha, mas pela séria crise com a IPA, tentando manter entre eles um espaço potencial de amizade e respeito.

Finalmente, no capítulo 6, contamos com a leitura de como as ideias winnicottianas entraram na França, por meio de Lacan, do quanto foram bem acolhidas no ambiente cultural francês, sobretudo por Roland Barthes e por Gilles Deleuze, principalmente por Barthes, que cita o artigo “O medo ao colapso”, de Winnicott, no início de seu livro *Fragments de um discurso amoroso* (1977).

Concluindo, penso que este livro de Roberto Graña oferece uma valiosa síntese da importância do espelho na constituição da subjetividade, segundo a visão de Lacan e de Winnicott, valendo-se também da literatura como interface com a psicanálise, tão cara que fora também a Freud como elemento mais próximo da alma humana.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Laura Ward da Rosa
Rua Dona Laura, 207/402
90430-091 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: lauraros@terra.com.br